

O Livro de Urântia

<< [Documento 158](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 160](#) >>

Documento 159

A Campanha na Decápolis

159:0.1 (1762.1) QUANDO Jesus e os doze chegaram ao parque de Magadam, encontraram um grupo de quase cem evangelistas e discípulos aguardando por eles, incluindo o corpo de mulheres; e eles dispuseram-se imediatamente ficando prontos para começar a campanha de ensinamento e de pregação pelas cidades da Decápolis.

159:0.2 (1762.2) Nessa quinta-feira, 18 de agosto pela manhã, o Mestre reuniu os seus seguidores e ordenou que cada um dos apóstolos associar-se-ia a um dos doze evangelistas e que, junto ainda com outros evangelistas, deveriam sair em doze grupos para trabalhar nas cidades e aldeias da Decápolis. Ele ordenou, ao corpo de mulheres e aos discípulos restantes, que permanecessem com ele. Jesus destinou quatro semanas a essa viagem, instruindo os seus seguidores para que retornassem a Magadam não depois de sexta-feira, 16 de setembro. Prometeu visitá-los freqüentemente durante esse tempo. Durante esse mês, os doze grupos trabalharam em Gerasa, Gamala, Hipos, Zafom, Gadara, Abila, Edrei, Filadélfia, Hesbon, Dium,

Sitópolis e muitas outras cidades. Durante essa viagem, não aconteceu nenhum milagre de cura, nem outros eventos extraordinários.

1. O Sermão sobre o Perdão

159:1.1 (1762.3) Certa noite em Hipos, Jesus ensinou sobre o perdão, em resposta a uma pergunta de um discípulo. Disse o Mestre:

159:1.2 (1762.4) “Se um homem de bom coração tem cem ovelhas e uma delas desvia-se, não deixa de imediato as noventa e nove e sai em busca daquela que se desviou? E se for um bom pastor, não permanecerá em busca da ovelha perdida até encontrá-la? E assim, quando o pastor houver encontrado a sua ovelha perdida, ele a colocará nos ombros e, rejubilante, chamará os seus amigos e vizinhos, para ‘rejubilarem-se comigo, pois eu encontrei minha ovelha que estava perdida’. Eu declaro que há mais alegria no céu, por causa de um pecador que se arrepende, do que por de noventa e nove pessoas corretas que não necessitam de arrependimento. E, ainda assim, não é da vontade do meu Pai no céu que nenhuma dessas pequeninas ovelhas se perca e muito menos que pereça. Na vossa religião, Deus pode receber os pecadores arrependidos; no evangelho do Reino, o Pai sai para encontrá-los, antes até mesmo que eles pensem seriamente em arrependimento.

“O Pai do céu ama os seus filhos; e, portanto, deveríeis aprender a amar-vos uns aos outros; o Pai do céu perdoa o vosso pecado; e, portanto, deveríeis aprender a perdoar-vos uns aos outros. Se o vosso irmão peca contra vós, ide até ele e, com tato e paciência, mostrai a ele o seu erro. E fazei tudo isso apenas entre vós e ele, a sós. Se ele vos escutar, então conquistastes o vosso irmão. Mas se o vosso irmão não vos escutar, se ele persistir no caminho do erro, ide novamente a ele, levando convosco um ou dois amigos comuns, para que possais ter duas, ou mesmo três testemunhas, para confirmar o depoimento dele e estabelecer o fato de que vós tratastes com justiça e com misericórdia ao vosso irmão que vos ofendeu. E, ainda, se ele se recusa a ouvir os vossos irmãos, podeis contar o caso à fraternidade e, então, se ele se recusar a ouvir a congregação, deixai que tomem as providências que julgarem sábias; e deixai que esse membro, obstinado assim, se torne um pária deste reino. Embora não possais pretender fazer o julgamento das almas dos vossos semelhantes, e, embora não possais perdoar pecados, nem presumir, de qualquer outro modo, usurpar as prerrogativas dos supervisores das hostes celestes, ao mesmo tempo, a vós foi confiado manterdes a ordem temporal deste reino da Terra. Apesar de não poderdes interferir nos decretos divinos que dizem respeito à vida eterna, ireis determinar as questões da conduta, no que disserem respeito ao bem-estar temporal da fraternidade na Terra. E assim, em todas essas questões ligadas à disciplina da irmandade, o que vós decretardes na Terra será reconhecido no céu. Embora não possais determinar o destino eterno do indivíduo, podeis legislar a respeito

da conduta do grupo, pois, naquilo em que dois ou três de vós concordardes, a respeito de qualquer dessas coisas e perguntardes a mim, assim será feito para vós, se o vosso pedido não for incompatível com a vontade do meu Pai no céu. E tudo isso é, para sempre, a verdade, pois, naquilo em que dois ou três crentes estiverem juntos, lá eu estarei no meio deles”.

159:1.4 (1763.1) Simão Pedro era o apóstolo encarregado dos trabalhadores em Hipos e quando ouviu Jesus falar assim perguntou: “Senhor, quantas vezes o meu irmão pecará contra mim, e quantas eu devo perdôá-lo? Até sete vezes?” E Jesus respondeu a Pedro: “Não apenas sete vezes, mas até mesmo setenta e sete vezes. E, portanto, o Reino do céu pode ser comparado a um certo rei que ordenou uma verificação financeira nas contas dos seus intendentess. E, quando começaram a fazer esse exame das contas, foi trazido diante dele um dos seus principais servidores, que confessava dever dez mil talentos ao seu rei. Ora, esse oficial da corte do rei, havendo passado por tempos difíceis, argumentou que não possuía com que pagar a sua obrigação. Assim, o rei ordenou que a sua propriedade fosse confiscada e que os seus filhos fossem vendidos para pagar o seu débito. Quando esse servidor ouviu a dura sentença, caiu com o rosto no chão, diante do rei, implorando-lhe que tivesse misericórdia e lhe concedesse mais tempo, dizendo: ‘Senhor, tem um pouco mais de paciência comigo, e eu te pagarei tudo’. E quando o rei olhou para esse servidor negligente e para a sua família, ficou comovido de

compaixão. E ordenou que fosse liberado e que a sua dívida fosse totalmente perdoada.

159:1.5 (1763.2) “E esse importante servidor, tendo assim recebido a misericórdia e o perdão das mãos do rei, retornou aos seus afazeres. Depois disso, encontrando um dos seus subordinados que lhe devia a mera quantia de cem denários, aproximou-se dele e, pegando-o pela garganta, disse: ‘Paga tudo o que me deve’. E, então, esse servidor caiu aos pés do seu dirigente e, implorando-lhe, disse: ‘Tem só um pouco de paciência comigo, e em breve poderei pagar-te’. Mas o servidor dirigente não demonstrou misericórdia para com o seu companheiro servidor e, ao contrário, mandou-o para a prisão, até que pagasse o seu débito. Quando os companheiros servidores viram o que havia acontecido, ficaram tão aflitos que foram contar tudo ao senhor e mestre, o rei. Quando o rei ouviu sobre o que o seu servidor dirigente fizera, chamou esse homem ingrato e implacável diante de si e disse: ‘Tu és um servidor maldoso e indigno. Quando buscaste a compaixão, eu te perdoei graciosamente de toda a tua dívida. Por que tu não mostraste misericórdia também para com o teu companheiro servidor, do mesmo modo que mostrei misericórdia para contigo?’ E o rei ficou com tanta raiva que entregou o servidor ingrato aos soldados, para que eles o prendessem até que ele pagasse tudo o que devia. E, desse mesmo modo, o meu Pai celeste mostrará a mais abundante misericórdia para com aqueles que graciosamente demonstrarem misericórdia para com os seus semelhantes. Como podeis vós vir a Deus, pedindo consideração pelas vossas faltas, se tendes o hábito de castigar os vossos irmãos por serem culpados

dessas mesmas fragilidades humanas? Eu digo a todos vós: graciosamente recebestes as boas coisas do Reino e, portanto, gratuitamente deveis dá-las aos vossos companheiros na Terra”.

159:1.6 (1764.1) Assim Jesus ensinou sobre os perigos, e ilustrou a injustiça que é fazer um julgamento pessoal do semelhante. A disciplina deve ser mantida, a justiça deve ser administrada, mas, em todas essas questões, a sabedoria da fraternidade deve prevalecer. Jesus investiu o *grupo* com autoridade legislativa e judiciária, não o *indivíduo*. E mesmo esse investimento de autoridade no grupo, não deve ser exercido com autoridade pessoal. Há sempre o perigo de que o veredicto dado por um indivíduo possa ser deformado pelo preconceito, ou distorcido pela paixão. O julgamento grupal é mais apropriado para remover tais perigos e eliminar as injustiças da propensão pessoal. Jesus buscou sempre minimizar os elementos de injustiça, de retaliação e de vingança.

159:1.7 (1764.2) [O uso da expressão setenta e sete como uma ilustração de misericórdia e clemência veio das escrituras; em uma referência à exultação de Lamec, por causa da arma de metal do seu filho Tubal-Caim. Ao comparar esses instrumentos superiores com os dos seus inimigos, exclamou: “Se Caim, sem nenhuma arma na sua mão, foi vingado sete vezes, eu serei agora setenta e sete vezes vingado”.]

2. O Estranho Pregador

159:2.1 (1764.3) Jesus foi a Gamala, para visitar João e aqueles que trabalhavam com ele naquela cidade. Nessa noite, depois da sessão de perguntas e respostas, João disse a Jesus: “Mestre, ontem eu fui até Astarot para ver um homem que estava ensinando em teu nome, e até mesmo clamando ser capaz de expulsar demônios. Ora, esse homem nunca esteve conosco, nem jamais nos seguiu; por isso eu proibi-o de fazer essas coisas”. E então disse Jesus: “Não o proibas. Não percebes que esse evangelho do Reino em breve será proclamado em todo o mundo? Como podes esperar que todos aqueles que acreditam no evangelho fiquem sujeitos à tua direção? Rejubila-te porque o nosso ensinamento já começou a manifestar-se para além das fronteiras da nossa influência pessoal. Acaso tu não vês, João, que aqueles que professam fazer grandes trabalhos em meu nome acabarão, finalmente, dando suporte à nossa causa? Eles certamente não se apressarão em me maldizer. Meu filho, em questões dessa espécie seria melhor que tu reconhecesses que aquele que não está contra nós, está a nosso favor. Nas gerações vindouras, muitos homens que não são integralmente dignos farão muitas coisas estranhas em meu nome, mas eu não os proibirei. Eu te digo que, até mesmo quando um copo de água for dado a uma alma sedenta, os mensageiros do Pai sempre registrarão um tal serviço de amor”.

159:2.2 (1764.4) Essa instrução deixou João bastante desconcertado. Será que ele não tinha antes ouvido o Mestre dizer: “Aquele que não está comigo, está contra mim”? Mas João não havia percebido que, neste caso, Jesus estava referindo-se à relação pessoal do homem com os

ensinamentos espirituais do Reino; enquanto no outro caso a equiparação havia sido feita com as relações externas e amplamente sociais, dos crentes, para com as questões do controle administrativo e jurisdição, de um grupo de crentes, sobre o trabalho de outros grupos, os quais finalmente iriam compor a fraternidade mundial vindoura.

159:2.3 (1765.1) Contudo, muitas vezes João relatou essa experiência, por ocasião dos seus trabalhos subseqüentes em benefício do Reino. E, com freqüência, os apóstolos consideraram como ofensiva toda a pregação daqueles que decidiram ensinar em nome do Mestre. Sempre lhes pareceu impróprio que, aqueles que nunca se sentaram aos pés de Jesus, ousassem ensinar em nome dele.

159:2.4 (1765.2) Esse homem, a quem João proibiu de ensinar e trabalhar, em nome de Jesus, não deu atenção maior à proibição do apóstolo. Ele continuou com os seus esforços e formou um grupo considerável de crentes, em Canata, antes de ir para a Mesopotâmia. Esse homem, Aden, havia sido levado a acreditar em Jesus por meio do testemunho daquele demente a quem Jesus curara, perto de Queresa, e que, com tanta confiança, havia acreditado que os supostos espíritos impuros, que o Mestre expulsara dele, haviam entrado na vara de porcos, levando-os todos a se destruírem, caindo de um precipício.

3. O Ensino para os Instrutores e para os Crentes

159:3.1 (1765.3) Em Edrei, onde Tomé e os seus condiscípulos trabalhavam, Jesus passou um dia e uma noite e, no curso da discussão à noite, deu expressão aos princípios que deveriam guiar aqueles que pregam a verdade, e que deveriam dar esse estímulo a todos que ensinam o evangelho do Reino. Resumido e reformulado, em uma linguagem moderna, eis o que Jesus ensinou:

159:3.2 (1765.4) Sempre respeitar a personalidade do homem. Uma causa justa não deveria jamais ser promovida pela força; as vitórias espirituais apenas podem ser ganhas pelo poder espiritual. Essa determinação contra o emprego de influências materiais refere-se à força psíquica, tanto quanto à força física. Os argumentos esmagadores, e a superioridade mental, não devem ser empregados para coagir os homens e as mulheres a abraçar o Reino. A mente do homem não deve ser subjugada apenas pelo peso da lógica, nem intimidada pela eloquência astuta. Ainda que a emoção, como um fator para as decisões humanas, não possa ser totalmente eliminada, não deveria ser feito um apelo direto a ela, nos ensinamentos dados àqueles que gostariam de avançar na causa do Reino. Fazei os vossos apelos diretamente ao espírito divino que reside no interior das mentes dos homens. Não façais apelos ao medo, à piedade, nem a meros sentimentos. Ao fazer apelos aos homens, sede equânimes; exercei o autocontrole e demonstrei uma reserva devida; demonstrei um respeito oportuno pelas personalidades dos vossos discípulos. Lembrai-vos de que eu disse: “Vede, eu estou à porta e bato; e se alguém abri-la, eu entrarei”.

159:3.3 (1765.5) Ao trazer os homens para o Reino, não diminuais, nem destruais o seu auto- respeito. Conquanto um excesso de auto- respeito possa destruir a humildade adequada e acabar com o orgulho, a presunção e a arrogância; muitas vezes a perda do auto- respeito leva à paralisação da vontade. O propósito deste evangelho é restaurar o auto-respeito, para aqueles que o hajam perdido, e restringi-lo para aqueles que o mantêm. Não cometais o engano de condenar apenas os erros nas vidas dos vossos alunos; lembrai-vos também de dar um reconhecimento generoso a coisas mais dignas de louvor nas suas vidas. Não esqueçais de que nada impedirá que eu busque restaurar o auto-respeito daqueles que o perderam e que realmente desejam reconquistá-lo.

159:3.4 (1765.6) Tomai cuidado para que não fírais o auto-respeito das almas tímidas e temerosas. Não vos permitais ser sarcásticos às custas dos meus irmãos de mente simples. Não sejais cínicos com os meus filhos temerosos. A preguiça é destrutiva para o auto-respeito; portanto, aconselhai os vossos irmãos a manterem-se sempre ocupados com as tarefas que escolheram, e não poupeis esforços para assegurar trabalho àqueles que se encontram sem emprego.

159:3.5 (1766.1) Que vós não sejais culpados pelo uso de táticas indignas, tais como tentar amedrontar os homens e as mulheres para que entrem no Reino. Um pai que ama, não amedronta os seus filhos para que sejam obedientes às suas exigências justas.

159:3.6 (1766.2) Os filhos do Reino acabarão por compreender que os sentimentos fortes de emoção, não são equivalentes à condução do espírito divino. Ficar fortemente impressionado e levado a fazer

alguma coisa ou a ir a um certo lugar não significa necessariamente que tal impulso seja proveniente de um guiamento do espírito residente.

159:3.7 (1766.3) Preveni a todos os crentes a respeito do nível de conflito que deve ser enfrentado por todos aqueles que passam da vida, como é vivida na carne, para a vida mais elevada, como é vivida no espírito. Para aqueles que vivem inteiramente dentro de qualquer dos reinos, há um pequeno conflito ou confusão, mas todos estão fadados a experimentar uma incerteza, maior ou menor, durante os tempos de transição entre os dois níveis de vida. Vós não podeis escapar das vossas responsabilidades, nem evitar as obrigações do Reino, ao entrardes nele, mas lembrai-vos: O jugo do evangelho é fácil de levar, e o fardo da verdade é leve.

159:3.8 (1766.4) O mundo está cheio de almas famintas que, mesmo estando em presença do pão da vida, passam fome; homens morrem à procura do próprio Deus que vive dentro deles. Homens buscam os tesouros do Reino com os corações cheios de anseio e os pés cansados; e os tesouros estão todos dentro do alcance imediato da fé viva. A fé é para a religião o que as velas são para um barco: um acréscimo na força, não uma carga a mais na vida. Só há uma luta para aqueles que entram no Reino, e esta é a boa batalha da fé. O crente tem apenas uma batalha, e esta é contra a dúvida — a descrença.

159:3.9 (1766.5) Ao pregar o evangelho do Reino, vós estais simplesmente ensinando a amizade a Deus. E essa amizade é tão atraente para os homens quanto o é para as mulheres, pois ambos encontrarão aquilo

que satisfaz, mais verdadeiramente, aos seus desejos característicos e ideais. Dizei aos meus filhos que eu sou, não apenas terno, para com os seus sentimentos, e paciente, com as suas fraquezas, mas que sou também sem piedade, com o pecado, e intolerante, com a iniquidade. Sou de fato manso e humilde, na presença do meu Pai, mas me torno implacável e inexorável, na mesma medida, quando há erro deliberado e rebelião pecaminosa, contra a vontade do meu Pai no céu.

159:3.10 (1766.6) Não ireis nunca descrever o vosso Mestre como um homem de pesares. As gerações futuras conhecerão também o resplendor do nosso júbilo, a alegria da nossa boa vontade e a inspiração do nosso bom humor. Proclamamos uma mensagem de boas-novas, que é contagiante, pelo seu poder de transformação. A nossa religião está pulsando, com nova vida e novos significados. Aqueles que aceitam esse ensinamento ficam repletos de júbilo e, nos seus corações, são levados a rejubilarem-se ainda mais. Uma felicidade crescente é a experiência contínua para todos aqueles que estão seguros a respeito de Deus.

159:3.11 (1766.7) Ensinaí todos os crentes a evitar que se apóiem nos esteios inseguros da falsa caridade. Vós não podeis desenvolver um caráter forte a partir da indulgência na autopiedade; esforçai-vos honestamente para evitar a influência enganosa da mera irmanação na miséria. Estendei a vossa compaixão aos valentes e aos corajosos, ao mesmo tempo, evitando dedicar um excesso de piedade àquelas almas covardes que, apenas frouxamente, se postam diante das provações da vida. Não ofereçais consolo àqueles que caem diante

dos próprios problemas, sem uma luta. Não dediqueis a vossa compaixão aos vossos semelhantes apenas para que, em retribuição, eles possam simpatizar convosco.

159:3.12 (1766.8) Quando os meus filhos tornam-se conscientes da segurança da divina presença, essa fé expande a mente, enobrece a alma, reforça a personalidade, aumenta a felicidade, aprofunda a percepção espiritual e realça o poder de amar e ser amado.

159:3.13 (1767.1) Ensinaí a todos os crentes que aqueles que entram no Reino não se tornam, por isso, imunes aos acidentes do tempo, nem às catástrofes ordinárias da natureza. Crer no evangelho não terminará com os problemas, mas irá assegurar que vós não tereis medo, quando os problemas baterem à vossa porta. Se ousardes crer em mim e se, de todo o vosso coração, continuardes a seguir-me, fazendo isso vós ireis, com toda a certeza, entrar no caminho que vos levará a dificuldades. Eu não vos prometo livrar-vos das águas da adversidade, mas eu vos prometo estar convosco durante todas elas.

159:3.14 (1767.2) E Jesus ensinou muito mais a esse grupo de crentes antes que se preparassem para o sono daquela noite. E, aqueles que ouviram essas palavras, guardaram-nas no coração como um tesouro e, muitas vezes, recitaram-nas para a edificação daqueles apóstolos e discípulos que não estiveram presentes quando elas foram pronunciadas.

4. A Conversa com Natanael

159:4.1 (1767.3) E então Jesus tomou o rumo de Ábila, onde Natanael e os seus companheiros trabalhavam. Natanael andava muito incomodado com alguns dos pronunciamentos de Jesus que pareciam depreciar a autoridade das escrituras hebraicas reconhecidas. E, assim sendo, nessa noite, depois do período usual de perguntas e respostas, Natanael levou Jesus para longe dos outros e perguntou: “Mestre, poderias confiar em mim, a ponto de fazeres com que eu conheça a verdade sobre as escrituras? Eu observo que nos ensinas apenas uma parte das escrituras sagradas — a melhor, segundo o que posso notar — e concluo que rejeitas os ensinamentos dos rabinos, que afirmam que as palavras da lei são as próprias palavras de Deus, que estavam com Deus no céu antes mesmo dos tempos de Abraão e Moisés. Qual é a verdade sobre as escrituras?” Ao ouvir a pergunta do seu apóstolo desnorteado, Jesus respondeu:

159:4.2 (1767.4) “Natanael, julgaste certo; não considero as escrituras como os rabinos as consideram. E falarei contigo sobre essa questão, sob a condição de que tu não relates essas coisas aos teus irmãos, pois nem todos estão preparados para receber esse ensinamento. As palavras da lei de Moisés, e os ensinamentos das escrituras, não existiam antes de Abraão. Apenas em tempos recentes as escrituras foram formadas, como agora as conhecemos. Embora contenham o

melhor dos pensamentos mais elevados, e das aspirações do povo judeu, elas também contêm muita coisa que está longe de representar o caráter e os ensinamentos do Pai, no céu; e é por essa razão que eu devo escolher, dentre os melhores ensinamentos, aquelas verdades que devem ser reunidas para o evangelho do Reino.

159:4.3 (1767.5) “Essas escrituras são trabalho executado por homens; alguns deles santos, outros não o sendo totalmente. Os ensinamentos desses compêndios representam a visão e a extensão do esclarecimento dos tempos, na época em que tiveram a sua origem. Como revelação da verdade, os últimos são mais confiáveis do que os primeiros. As escrituras são errôneas e de todo humanas, pela sua origem, mas não vos enganeis, elas constituem a melhor coleção de sabedoria religiosa e verdade espiritual a ser encontrada em todo o mundo, neste momento.

159:4.4 (1767.6) “Conquanto muitos desses livros não hajam sido escritos pelas pessoas cujos nomes constam neles, de modo algum, isso pesa em detrimento do valor das verdades que contêm. Se a história de Jonas não for um fato, mesmo se Jonas não tiver vivido nunca, ainda assim a profunda verdade da narrativa, o amor de Deus por Nínive e os chamados pagãos, não seria menos preciosa, aos olhos de todos aqueles que amam os seus semelhantes. As escrituras são sagradas por apresentarem os pensamentos e atos de homens que estavam em busca de Deus e que, por meio desses escritos, deixaram registrados seus conceitos mais elevados de retidão, verdade e santidade. As escrituras contêm muito que é verdade, entretanto, à luz dos vossos ensinamentos atuais, podeis entender que esses escritos contêm

também bastante coisa que apenas de um modo falso representa o Pai do céu, o Deus de amor que eu vim revelar a todos os mundos.

159:4.5 (1768.1) “Natanael, nunca te permita, sequer por um momento, acreditar nos registros daquelas escrituras que dizem que o Deus do amor comandou teus antepassados que prosseguissem na batalha até matar todos os inimigos — homens, mulheres e crianças. Alguns registros são palavras vindas de homens, e homens não muito santos, esses, pois, não são a palavra de Deus. As escrituras refletem sempre e sempre refletirão o status intelectual, moral e espiritual daqueles que as criaram. Acaso não percebeste que os conceitos de Yavé crescem, em beleza e glória, à medida que os profetas fazem os seus registros, de Samuel a Isaías? E tu deverias lembrar-te de que as escrituras são destinadas à instrução religiosa e ao guiamento espiritual. Elas não são uma obra, nem de historiadores, nem de filósofos.

159:4.6 (1768.2) “A coisa mais deplorável não é meramente a idéia errônea da perfeição absoluta dos registros das escrituras e da infalibilidade dos seus ensinamentos; mas, a interpretação confusa e errada que os escribas e os fariseus em Jerusalém, escravizados à tradição, fazem desses escritos sagrados, pode ser mais deplorável. E agora eles irão empregar a doutrina de que as escrituras são tão inspiradas quanto as interpretações falaciosas que fazem delas, no seu esforço determinado para resistir a esses novos ensinamentos do evangelho do Reino. Natanael, nunca esqueças, o Pai não limita a revelação da verdade a nenhuma geração, nem a nenhum povo. Muitos buscadores honestos da verdade têm sido, e continuarão a

ser, confundidos e desalentados por essas doutrinas da perfeição das escrituras.

159:4.7 (1768.3) “A autoridade da verdade é o próprio espírito que reside nas suas manifestações vivas, não é a palavra morta de homens menos iluminados e supostamente inspirados de uma outra geração. E ainda que esses homens santos de outrora tivessem vivido vidas inspiradas e preenchidas pelo espírito, isso não quer dizer que as *palavras* deles sejam, do mesmo modo, espiritualmente inspiradas. Hoje, deixamos de fazer o registro dos ensinamentos do nosso evangelho do Reino para que, quando eu tiver partido, não vos torneis rapidamente divididos em vários grupos de defensores da verdade, em função das diversidades das vossas interpretações dos meus ensinamentos. Para esta geração é melhor que essas verdades sejam *vividas*, evitando fazer o registro delas por escrito.

159:4.8 (1768.4) “Marca bem estas palavras, Natanael: Nada que a natureza humana houver tocado pode ser considerado infalível. Por meio da mente do homem, a verdade divina de fato pode resplandecer, mas sempre com uma pureza relativa e com uma divindade parcial. A criatura pode almejar a infalibilidade, no entanto apenas os Criadores a possuem.

159:4.9 (1768.5) “O maior dos erros do que se ensina sobre as escrituras, porém, é a doutrina de que são livros selados, em mistério e sabedoria, os quais apenas as mentes sábias da nação ousam interpretar. As revelações da verdade divina não são seladas, a não ser pela ignorância humana, pelo fanatismo e pela intolerância da mente estreita. A luz das escrituras é obscurecida apenas pelo

preconceito e obliterada apenas pela superstição. Um medo falso do sagrado impediu que a religião fosse salvaguardada pelo bom senso. O medo da autoridade dos escritos sagrados, do passado, impede efetivamente que as almas honestas de hoje aceitem a nova luz do evangelho, a luz que os mesmos homens conhecedores de Deus, de outra geração, tão intensamente almejaram ver.

159:4.10 (1769.1) “E o aspecto mais triste de tudo é o fato de que alguns dos instrutores partidários da santidade desse tradicionalismo conhecem a verdade. Eles compreendem mais ou menos plenamente as limitações das escrituras, mas eles são covardes morais e intelectualmente desonestos. Eles sabem da verdade a respeito das sagradas escrituras, mas preferem ocultar do povo esses fatos perturbadores. E, assim, desvirtuam e deturpam as escrituras, fazendo delas um guia, cheio de detalhes escravizadores da vida diária e uma autoridade sobre coisas não espirituais, em vez de apelar para os escritos sagrados como um depósito de sabedoria moral, de inspiração religiosa e de ensinamento espiritual, vindos dos homens conhecedores de Deus, em outras gerações”.

159:4.11 (1769.2) Natanael estava esclarecido, e chocado, com o pronunciamento do Mestre. E ponderou longamente, sobre essa conversa, nas profundezas da sua alma; mas nada falou, a nenhum homem, a respeito desse diálogo, não antes da ascensão de Jesus; e, mesmo então, ele temia contar toda a história da instrução do Mestre.

5. A Natureza Positiva da Religião de Jesus

159:5.1 (1769.3) Na Filadélfia, onde Tiago estava trabalhando, Jesus ensinou aos discípulos a natureza positiva do evangelho do Reino. No decorrer das suas observações, quando ele insinuou que algumas partes da escritura continham mais verdade do que outras e preveniu aos seus ouvintes sobre alimentar as suas almas com o melhor do alimento espiritual, Tiago interrompeu o Mestre, perguntando: “Mestre, tu serias tão bom a ponto de sugerir a nós como podemos escolher as melhores passagens, das escrituras, para a nossa edificação pessoal?” E Jesus respondeu: “Sim, Tiago, ao leres as escrituras, procura aqueles ensinamentos eternamente verdadeiros e divinamente belos, tais como:

159:5.2 (1769.4) “Cria em mim um coração puro, ó Senhor”.

159:5.3 (1769.5) “O Senhor é meu pastor; nada me há de faltar”.

159:5.4 (1769.6) “Ama o teu semelhante como a ti próprio”.

159:5.5 (1769.7) “Pois eu, o Senhor teu Deus, segurarei a tua mão direita, dizendo: não temas; eu ajudar-te-ei”.

159:5.6 (1769.8) “E as nações não mais farão o aprendizado da guerra”.

159:5.7 (1769.9) E tudo isso se torna ilustrativo do modo como Jesus, dia a dia, apropriava-se do melhor das escrituras dos hebreus, para a instrução dos seus seguidores, incluindo o melhor dos ensinamentos no novo evangelho do Reino. Outras religiões haviam sugerido o pensamento de que Deus está próximo do homem, mas Jesus transformou o cuidado de Deus, para com o homem, na solicitude de um Pai cheio de amor pelo bem-estar dos filhos que dele dependem; e, então, fez desse ensinamento a pedra fundamental da sua religião. E, assim, a doutrina da paternidade de Deus torna imperativa a prática da fraternidade dos homens. A adoração de Deus e o serviço do homem tornam-se a soma e a essência da sua religião. Jesus tomou do melhor da religião judaica, transpondo-o para o quadro mais digno dos novos ensinamentos do evangelho do Reino.

159:5.8 (1769.10) Jesus colocou o espírito da ação positiva nas doutrinas passivas da religião judaica. No lugar da submissão negativa, da submissão às exigências cerimoniais, Jesus indicou a realização positiva daquilo que a sua nova religião exigia daqueles que a aceitavam. A religião de Jesus não consistiu meramente em *acreditar*, mas, de fato, em *fazer* todas aquelas coisas que o evangelho exigia. Ele não ensinou que a essência da sua religião consistia no serviço social, mas sim que aquele serviço social era um dos efeitos certos da posse do espírito da verdadeira religião.

159:5.9 (1770.1) Jesus não hesitou em apropriar-se da melhor metade de uma escritura, repudiando, ao mesmo tempo, a parte inferior em conteúdo. A sua grande exortação: “Ama ao próximo como a ti mesmo”, ele tomou-a das escrituras, onde se lê: “Não exercerás a

vingança contra o filho do teu povo, mas amarás o teu semelhante como a ti mesmo”. Jesus apropriou-se da parte positiva dessa escritura, rejeitando a parte negativa. Ele se opôs até mesmo à não-resistência negativa ou puramente passiva. Ele disse: “Quando um inimigo te golpear em uma face, não fiques emudecido e passivo, mas, em uma atitude positiva, dá-lhe a outra face; isto é, faz o melhor possível, ativamente, para conduzir o teu irmão errado para longe do caminho do mal, levando-o para os melhores caminhos do viver na retidão”. Jesus exigiu que os seus seguidores reagissem positiva e dinamicamente a todas as situações na vida. Dar a outra face, ou qualquer ato que signifique isso, tipicamente, demanda iniciativa e uma expressão vigorosa, ativa e corajosa, da personalidade daquele que crê.

159:5.10 (1770.2) Jesus não preconizava a prática da submissão negativa às indignidades daqueles que buscassem propositalmente impor-se aos praticantes da não resistência ao mal, mas, sim, que os seus seguidores devessem ser sábios e alertas para reagir, de modo rápido e positivo, com o bem para enfrentar o mal, com o fito de que pudessem efetivamente vencer o mal com o bem. Não esqueçais: o bem verdadeiro é, invariavelmente, mais poderoso do que o mal mais maligno. O Mestre ensinou um critério positivo de retidão: “Quem desejar ser meu discípulo, que esqueça de si e assuma plenamente as suas responsabilidades diárias de seguir-me”. E ele próprio dava o exemplo, pois “ele manteve-se no seu caminho, fazendo o bem”. E esse aspecto do evangelho ficou bem ilustrado nas muitas parábolas que, mais tarde, Jesus contou aos seus seguidores. Ele nunca exortou

os seus seguidores a suportar pacientemente as suas obrigações, mas sim, com energia e entusiasmo, a viver na medida plena das suas responsabilidades humanas e dos privilégios divinos, no Reino de Deus.

159:5.11 (1770.3) Quando Jesus instruiu os seus apóstolos para que, se alguém lhes tomasse injustamente o agasalho, eles lhe oferecessem um outro agasalho, ele referia-se não tanto a um segundo agasalho literalmente, mas mais à idéia de fazer algo *positivo* para salvar aquele que errou, em lugar do conselho antigo que seria o da retaliação — “um olho por outro olho”, e assim por diante. Jesus abominava a idéia tanto da retaliação, quanto de tornar-se apenas um sofredor passivo ou uma vítima da injustiça. Nessa ocasião ele ensinou-lhes os três caminhos de lutar e de resistir ao mal:

159:5.12 (1770.4) 1. Retribuir o mal com o mal — o método positivo, mas incorreto.

159:5.13 (1770.5) 2. Sofrer o mal sem queixa e sem resistência — o método puramente negativo.

159:5.14 (1770.6) 3. Retribuir o mal com o bem, de afirmar a vontade, visando tornar-se o senhor da situação, de vencer o mal com o bem — o método positivo e reto.

159:5.15 (1770.7) Um dos apóstolos perguntou certa vez: “Mestre, o que eu deveria fazer se um estranho me forçasse a carregar a sua carga por uma légua?” Jesus respondeu: “Não te assentes para suspirar e repreender o estranho. A retidão não vem dessas atitudes passivas. Se não conseguires pensar em nada mais efetivamente positivo para

fazer, tu podes ao menos carregar o fardo dele por uma segunda légua. Isso irá sem dúvida desafiar o injusto e incrédulo estranho”.

159:5.16 (1770.8) Os judeus haviam ouvido falar de um Deus que perdoaria aos pecadores arrependidos e que tentaria esquecer os erros deles, mas jamais, antes da vinda de Jesus, os homens ouviram falar de um Deus que tivesse ido à procura da ovelha perdida e que, assim, tomaria a iniciativa de procurar os pecadores e se rejubilaria quando os encontrasse querendo voltar para a casa do Pai. Essa nota positiva, na religião, Jesus estendeu-a até mesmo às suas orações. E converteu a restritiva regra de ouro em uma exortação positiva em favor da equanimidade humana.

159:5.17 (1771.1) Em todos os seus ensinamentos, Jesus fugiu, infalivelmente, dos detalhes que dispersam. Ele evitava a linguagem floreada e as imagens meramente poéticas, como o jogo de palavras. E, habitualmente, punha significados amplos, em expressões curtas. Com o propósito de ilustração, Jesus alterava o significado corrente de muitos termos, tais como: sal, fermento, pescar e filhinhos. Ele empregava muito eficientemente a antítese, comparando o diminuto ao infinito, e assim por diante. As suas descrições eram surpreendentes: “O cego conduzindo um cego”. Todavia, a maior força encontrada, no seu ensinamento ilustrativo, foi a da sua naturalidade. Jesus trouxe a filosofia da religião, do céu à Terra. Ele retratou as necessidades elementares da alma, com uma nova visão de discernimento interior e dentro de uma nova concessão de afeto.

6. O Retorno a Magadam

159:6.1 (1771.2) A missão de quatro semanas, na Decápolis, teve um êxito moderado. Centenas de almas foram recebidas no Reino, os apóstolos e os evangelistas tiveram uma experiência valiosa ao realizar o trabalho, sem a inspiração da presença pessoal de Jesus.

159:6.2 (1771.3) Na sexta-feira, 16 de setembro, todo o corpo de servidores reuniu-se, como convencionado previamente, no parque de Magadam. No sábado foi feito um conselho de mais de cem crentes, no qual os planos futuros para expandir o trabalho do Reino foram considerados de modo completo. Os mensageiros de Davi estiveram presentes e fizeram relatos a respeito do bem-estar dos crentes, em toda a Judéia, Samaria, Galiléia e nos distritos adjacentes.

159:6.3 (1771.4) Poucos dos seguidores de Jesus, nessa época, sabiam apreciar totalmente o grande valor dos serviços do corpo dos mensageiros. Os mensageiros mantinham não apenas os crentes da Palestina em contato uns com os outros, com Jesus e com os apóstolos, mas, durante aqueles dias sombrios, também serviram como coletores de fundos, tanto para o sustento de Jesus e dos seus companheiros, quanto para sustentar as famílias dos doze apóstolos e dos doze evangelistas.

159:6.4 (1771.5) Nessa época, Abner mudou a sua base de operações, de Hebrom para Belém, e este último local foi também o centro para os mensageiros de Davi, na Judéia. Davi mantinha um serviço de

revezamento de mensageiros, durante a noite inteira, entre Jerusalém e Betsaida. Esses corredores deixavam Jerusalém todas as noites, revezando-se em Sichar e em Sitópolis, chegando em Betsaida por volta da hora do desjejum, na manhã seguinte.

159:6.5 (1771.6) Jesus e os seus seguidores agora se preparavam para ter um descanso de uma semana, antes de aprontarem-se para começar a última época de trabalhos em benefício do Reino. Esse foi o último descanso deles, pois a missão pereiana transformou-se em uma campanha de pregação e de ensinamento; e se estendeu até o momento da chegada deles em Jerusalém e do desenrolar dos episódios finais da carreira terrena de Jesus.